



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

RAÍSA MOREIRA GONÇALVES

**VOZES DA RUA:**  
O RAP LONDRINENSE EM REVISTA

Londrina  
2025

RAÍSA MOREIRA GONÇALVES

**VOZES DA RUA:**  
O RAP LONDRINENSE EM REVISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade Estadual de Londrina - UEL,  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Peterson Dias

---

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

G635v    Gonçalves, Raisal .  
          VOZES DA RUA : O RAP LONDRINENSE EM REVISTA / Raisal Gonçalves. -  
          Londrina, 2025.  
          56 f. : il.

          Orientador: Peterson Dias.  
          Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade  
          Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Graduação em  
          Jornalismo, 2025.  
          Inclui bibliografia.

          1. Rap - TCC. 2. Música - TCC. 3. Jornalismo Cultural - TCC. I. Dias, Peterson  
          . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e  
          Artes. Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDU 070

RAÍSA MOREIRA GONÇAVES

**VOZES DA RUA:**  
O RAP LONDRINENSE EM REVISTA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual de  
Londrina - UEL, como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel, em  
Jornalismo

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me Peterson Dias (Orientador)  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Roberto Mancuzo Junior  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Reginaldo Moreira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 12 de fevereiro de 2025.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por me fortalecer e sustentar em cada etapa da minha vida e desse curso. Com a força que Cristo me deu, enfrentei todos os desafios dessa caminhada e cheguei até aqui.

À minha família, em especial ao meu pai, Jerjui, e à minha mãe, Marineuza, minha eterna gratidão por correr para que eu pudesse andar. Às minhas irmãs, Amanda, Jamile e Ana, obrigada por cada incentivo, por acreditarem em mim e por sempre fazerem o melhor para que eu chegasse até aqui. Família, vocês são tudo para mim, e essa conquista é fruto da nossa luta. Sou a continuação do sonho de vocês.

Ao meu marido Gean, por estar ao meu lado em cada desafio dessa caminhada, desde o ensino médio até a conclusão do ensino superior. Obrigada pelo apoio incondicional, incentivo e paciência nos momentos turbulentos, e por sempre me encorajar a seguir em frente, sem olhar para trás. Sou imensamente grata por compartilhar essa conquista com você!

Aos meus amigos Edy e Sara, pela parceria ao longo dos quatro anos de curso. Obrigada por compartilharem sorrisos, desafios e tornarem tudo mais leve. Ter vocês na nessa jornada foi um privilégio, estaremos juntos além da UEL.

Ao meu orientador, Peterson Dias, sou imensamente grata por acreditar no meu potencial para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por suas cobranças na medida certa, por seus conselhos e por sua criatividade, que foram essenciais para moldar este projeto.

Ao movimento Hip Hop, minha gratidão por moldar a pessoa e a profissional que me tornei. Através das diferentes vivências que ele me proporcionou, aprendi a enxergar o mundo com mais sensibilidade, compreendendo realidades semelhantes e distantes da minha. Foi por meio do Hip Hop e do RAP que adquiri conhecimentos e descobri que posso ser o que quiser. Valeu, movimento!

**Desistir, nunca, não sou covarde  
Queira ou não rap é uma realidade.  
Desistir, nunca, meu povo não é covarde  
Queira ou não o rap é uma realidade de luta.**

Tô pra vê - Criolo

## RESUMO

GONÇALVES, Raísa Moreira. **Vozes da Rua: O RAP Londrinense em Revista.** 2024. 56. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, 2024.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o projeto experimental *Vozes da Rua: O Rap Londrinense em Revista*, uma publicação digital voltada para dar visibilidade às produções, trajetórias e experiências de MCs e rappers do movimento hip hop de Londrina. Justifica-se pela necessidade de destacar as vozes periféricas, frequentemente marginalizadas pelos meios de comunicação tradicionais, promovendo o jornalismo cultural como ferramenta de resistência e inclusão social. O objetivo principal é criar um espaço que amplifique as narrativas desses artistas, aproximando-os do público local e reconhecendo sua relevância cultural. A metodologia adotada baseou-se em pesquisa bibliográfica, com autores como Ballerini, Caldwell, Lage, Medina, Miani, Berger, Peruzzo e Piza, além de entrevistas com MCs, rappers, pesquisadores e entusiastas do hip hop. Essas etapas permitiram analisar as interseções entre o rap e o jornalismo cultural, destacando como essa convergência pode combater a invisibilidade midiática e fortalecer a cena cultural local.

**Palavras-chave:** Revista Digital; Rap; Londrina, Jornalismo Cultural.

## ABSTRACT

GONÇALVES, Raísa Moreira. **Vozes da Rua: O RAP Londrinense em Revista**. 2024. 56. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, 2024.

This Undergraduate Thesis presents the experimental project magazine *Vozes da Rua: O Rap Londrinense em Revista*, a digital publication that seeks to give visibility to the productions, trajectories and experiences of MCs and rappers of the hip hop movement of Londrina. It is justified by the need to highlight the peripheral voices, often marginalized in traditional media, promoting cultural journalism as a tool of resistance and social inclusion. The overall objective is to create a space that amplifies the narratives of these artists, bringing them closer to the local public and recognizing their cultural relevance. The methodology used was based on bibliographical research, with authors such as Ballerini, Caldwell, Lage, Medina, Miani, Berger, Peruzzo and Piza, in addition to interviews with MCs, rappers, researchers and hip-hop enthusiasts. These steps allowed us to analyze the intersections between rap and cultural journalism, highlighting how this convergence can combat media invisibility and enhance the cultural scene.

**Keywords:** Magazine; Digital; Rap; Londrina; Cultural Journalism.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Medidas e Defesas.....	40
<b>Tabela 2</b> – Logotipo da revista .....	40
<b>Tabela 3</b> – Chamada de capa .....	40
<b>Tabela 4</b> – Fio-data e paginação.....	40
<b>Tabela 5</b> – Titulação (geral) .....	40
<b>Tabela 6</b> – Textos (geral) .....	41
<b>Tabela 7</b> – Linha fina.....	41
<b>Tabela 8</b> – Crédito de texto e imagem .....	41
<b>Tabela 9</b> – Janela.....	42
<b>Tabela 10</b> – Capitular .....	42
<b>Tabela 11</b> – Legendas de imagens .....	42
<b>Tabela 12</b> – Seções .....	42
<b>Tabela 13</b> – Entretítulos .....	42
<b>Tabela 14</b> – Titulação principal.....	43
<b>Tabela 15</b> – Títulos dos álbuns (playlist) .....	43
<b>Tabela 16</b> – Créditos da plataforma e artista (playlist) .....	43
<b>Tabela 17</b> – Título do sumário.....	43
<b>Tabela 18</b> – Chamada matéria (sumário).....	43
<b>Tabela 19</b> – Páginas (sumário) .....	44
<b>Tabela 20</b> – Expediente .....	44
<b>Tabela 21</b> – Texto expediente.....	44
<b>Tabela 22</b> – Perguntas pingue-pongue .....	44
<b>Tabela 23</b> – Respostas pingue-pongue.....	44
<b>Tabela 24</b> – Titulação (editorial).....	45
<b>Tabela 25</b> – Texto (editorial).....	45
<b>Tabela 26</b> – Pé biográfico (editorial).....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>RELATÓRIO CONCEITUAL.....</b>	<b>14</b>
2.2	JORNALISMO DE REVISTA: SEGMENTAÇÃO .....	14
2.3	JORNALISMO CULTURAL.....	16
2.4	COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA.....	19
2.5	TÉCNICA JORNALÍSTICA.....	20
2.6	HIP HOP.....	23
2.6.1	Batalha de Rima .....	25
2.6.2	Batalha de Rima em Londrina .....	25
2.7	VOZES DA RUA .....	26
2.7.1	Linha Editorial .....	27
2.7.2	Escolha do Meio .....	27
2.7.3	A importância do design editorial .....	28
<b>3</b>	<b>MEMORIAL DESCRITIVO .....</b>	<b>31</b>
3.1	SEÇÕES.....	31
3.2	PÚBLICO-ALVO.....	32
3.3	PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	32
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>40</b>
4.2	APÊNDICE A - PROJETO GRÁFICO.....	41
4.3	APÊNDICE B - AUTORIZAÇÕES .....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

MC	Mestre de Cerimônia
UEL	Universidade Estadual de Londrina
RAP	Ritmo e Poesia

## 1 INTRODUÇÃO

A música, em especial o rap, é uma ferramenta de denúncia e resistência, quando aborda temas como racismo, violência policial e marginalização das periferias. O movimento Hip Hop, nascido nos anos 1970 nos Estados Unidos, surgiu como uma forma de expressão para afro-americanos e latino-americanos que buscavam lutar por seus direitos e espaços de visibilidade (Darby, 2006). O movimento chegou ao Brasil na década de 1980, firmando-se nas periferias paulistas e, posteriormente, em todo o país, como uma voz ativa das comunidades marginalizadas (Zibordi, 2015).

Paralelamente, o jornalismo, como uma ferramenta de contrapoder, também tem a função de denunciar injustiças e oferecer uma análise crítica da realidade. Cotta (2005) destaca que o papel do jornalista é analisar os acontecimentos de maneira imparcial e plural, ouvindo diferentes vozes e oferecendo ao público uma visão completa e crítica dos fatos. No entanto, apesar dessa convergência de propósitos, a relação entre o rap e a mídia tradicional tem sido marcada por tensões. O grupo Racionais MCs, por exemplo, em suas letras, faz críticas diretas à forma como a grande mídia retrata as populações periféricas, como se vê na canção "Capítulo 4, Versículo 3", que denuncia a manipulação midiática pelos grandes veículos de comunicação.

A população periférica no Brasil, onde 56% dos habitantes se autodeclararam pretas ou pardas (PNAD, 2021)<sup>1</sup> e mais de 17 milhões de pessoas vivem em favelas (Instituto Locomotiva, 2021)<sup>2</sup>, encontra no rap uma forma de resistência. Para esses artistas, o rap é um canal para expor as dificuldades diárias das periferias, como o desemprego, o racismo e a violência policial. Ao mesmo tempo, a mídia tradicional muitas vezes não oferece o espaço necessário para essas vozes, criando uma lacuna entre a realidade vivida nas periferias e a cobertura midiática.

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/07/ibge-populacao-autodeclarada-pretacresce-324percent-no-brasil-em-10-anos.ghtml>> Acesso em 5 de nov. de 2024.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/#:~:text=R%C3%9ASSIA%20X%20UCR%C3%82NIA,Cerca%20de%208%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira,em%20favelas%2C%20>> Acesso em 5 de nov. de 2024.

É nesse contexto que surge a revista Vozes da Rua: O Rap Londrinense em Revista, uma publicação digital que busca dar visibilidade aos artistas do rap e hip hop de Londrina. O formato digital permite alcançar um público mais amplo, especialmente em um país no qual 90% dos domicílios têm acesso à internet segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2021 (PNAD Contínua).<sup>3</sup> A escolha pela plataforma digital reflete a transformação do consumo de conteúdo, que, conforme Scalzo (2011), preserva as características únicas de cada meio, mas exige adaptação às novas formas de acesso à informação. O ambiente digital é propício em oferecer interatividade, sem as limitações físicas das revistas impressas.

Além disso, a segmentação é uma das estratégias que permitem às revistas digitais se destacarem. Segundo Scalzo (2011), "revistas que falam para públicos menores (...) ganham terreno" (p. 44). Nesse sentido, Vozes da Rua se propõe a focar em um público específico: os MCs de Londrina e o cenário local do rap, oferecendo um espaço de expressão que, muitas vezes, lhes é negado pela grande mídia.

Por meio de entrevistas, reportagens e ensaios fotográficos, a revista busca não só documentar a produção artística local, mas também promover a reflexão sobre as questões sociais e culturais enfrentadas por esses artistas. O objetivo é que a Vozes da Rua sirva como uma plataforma de informação, mas também de resistência, ampliando as vozes que surgem da cena do rap londrinense e conectando esses artistas ao público de forma acessível.

---

<sup>3</sup> A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) realiza publicações mensais, trimestrais e anuais acompanhando as flutuações e a evolução da força de trabalho no Brasil e outras informações necessárias para o estudo e desenvolvimento socioeconômico do País. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270pnad-continua.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 5 de novembro de 2024.

## 2 RELATÓRIO CONCEITUAL

### 2.2 JORNALISMO DE REVISTA: SEGMENTAÇÃO

Para compreender o cenário atual da produção de revistas, é essencial explorar suas origens históricas e suas primeiras manifestações no mundo. Desde os primeiros exemplos no milênio passado, uma característica central se destaca e define o que pode ser considerado uma revista: a segmentação temática. Essa especificidade de foco tem sido uma marca registrada das revistas, diferenciando-as de outros meios de comunicação desde os primórdios.

O jornalismo de revista teve seu início em 1663, com a publicação da *Erbauliche Monaths-Unterredungen* (ou *Edificantes Discussões Mensais*) na Alemanha, uma publicação que, apesar de sua aparência semelhante à de um livro, foi classificada como revista devido ao seu foco em artigos sobre teologia, voltados para um público específico. Desde o início, essa segmentação de temas foi uma característica marcante no universo das revistas, que, ao contrário dos jornais diários voltados para um engajamento político explícito, sempre buscaram atingir camadas específicas da população com conteúdo mais aprofundados e especializados (Scalzo, 2011, p. 19).

Ao longo dos anos, a segmentação tornou-se uma característica proeminente no mercado de revistas, refletindo uma necessidade crescente das editoras em identificar e atender públicos-alvo mais específicos. Este fenômeno de segmentação surgiu como uma resposta ao aumento da variedade de revistas e à necessidade de se destacar em um mercado competitivo. As revistas começaram a criar títulos direcionados a grupos demográficos distintos, como famílias, homens e adolescentes, para garantir uma conexão mais profunda com seus leitores (ABRIL, 2002). Exemplos como o *Journal des Savants*, na França, o *Giornali dei Litterati*, na Itália, e o *Mercurius Librarius*, na Inglaterra, reforçam que a especificidade e o enfoque em públicos segmentados foram fundamentais para o desenvolvimento das revistas como um meio distinto e influente na comunicação.

Scalzo explica que a história das revistas no Brasil, assim como a da imprensa em qualquer lugar do mundo, confunde-se com a história econômica e da

indústria do país (2011, p. 27). Segundo a autora, a primeira revista a ser conhecida no Brasil, "As Variedades ou Ensaios de Literatura", surgiu em 1812, em Salvador, na Bahia. Como a grande maioria das publicações dessa época, tinha cara e jeito de livro.

[...] propunha-se a publicar discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumos de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses - quer em prosa, quer em verso -, cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importância das novas descobertas filosóficas. (Scalzo, 2011, p. 27).

Foi apenas no início do século XX que as revistas brasileiras começaram a segmentar seus conteúdos com mais especificidade.

(...) Na chamada Belle Époque, ocorre uma série de transformações científicas e tecnológicas que vão refletir a vida cotidiana e a remodelação das cidades. As revistas acompanham essa euforia - centenas de títulos são lançados - e, com as inovações na indústria gráfica, apresentam um nível de requinte visual antes inimaginável. (Scalzo, 2011, p. 29).

A revista O Cruzeiro, comandada por Assis Chateaubriand, tornou-se o maior fenômeno editorial brasileiro de todos os tempos (2011, p. 30). Lançada em 1928, a revista surpreendeu o leitor brasileiro pelo refinamento editorial, papel couché, textos de figuras ilustres e a primeira tiragem de 35 mil exemplares, que se esgotou em poucas horas. Apesar das dificuldades financeiras, ela se manteve no mercado até o ano de 1975.

A revista Manchete, de Adolph Bloch, criada em 1952, e a Realidade, da Editora Abril, lançada em 1966, trouxeram conteúdos inovadores e inspiradores que marcaram a época. Essas publicações foram especialmente significativas durante os anos mais severos da censura no Brasil, particularmente após o Ato Institucional nº 5, em 1968, no contexto da Ditadura Militar brasileira (1964-1985) (Noblant, 2002).

Segundo Scalzo (2011), com a chegada da internet no século 21, a segmentação tornou-se ainda mais predominante nas revistas e no jornalismo em geral. Embora a história mostre que as revistas já foram grandes aglomerados de assuntos, esse modelo já não é mais eficaz. A autora enfatiza que "quem quer falar com todo mundo acaba não falando com ninguém" (Scalzo, 2011, p. 49), ressaltando

a importância de focar em públicos específicos para manter a relevância e o impacto no cenário midiático atual.

### 2.3 JORNALISMO CULTURAL

“Se a arte é a expressão da sociedade em seu momento histórico, a história do jornalismo cultural está entrelaçada a esta mesma dinâmica, pois interfere no acesso e na divulgação dessas mesmas expressões”. Maria Botelho

O jornalismo cultural integra as editoriais de um jornal. Da mesma forma que o jornalismo abrange áreas específicas, como política, esportes, variedades e economia, surgiu a necessidade de especialização no campo cultural, com o objetivo de atender a um público segmentado.

Esse segmento do jornalismo abrange uma ampla variedade de temas e implicações. Por meio de análises, críticas e debates de ideias, o jornalismo cultural deve ir além de apenas informar, buscando também "provocar perspectivas no leitor" (Piza, 2004, p. 9).

Embora não seja possível identificar uma data exata para o início do jornalismo cultural, pode-se afirmar que um de seus marcos iniciais é a criação da revista diária *The Spectator* (1711), pelos ensaístas Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719). Segundo Piza (2003, p. 12), o objetivo da revista era levar a filosofia para além dos círculos restritos de clubes, assembleias e cafés, oferecendo reflexões sobre assuntos diversos, como livros, óperas, costumes e política, em uma linguagem acessível e envolvente.

Nesse contexto, o jornalismo cultural se estabelece como um agente de reflexão, democratizando o acesso às discussões culturais dentro de suas limitações históricas e sociais. Ao longo do tempo, a prática jornalística no campo cultural passou por transformações significativas, refletindo sobre o papel da arte e da cultura na sociedade. Como destaca Piza (2003, p. 9), o jornalismo cultural, em suas origens, foi moldado por um objetivo de acesso e disseminação da reflexão, principalmente em um contexto de ampliação da circulação da imprensa.

No Brasil, no final do século XIX, o jornalismo cultural começa a ganhar força, em grande parte graças à contribuição de escritores como Machado de

Assis e José Veríssimo. Esses autores, além de serem grandes literatos, também se destacaram como críticos de teatro e polemistas literários. Segundo Piza (2003, p. 32), nesse período, jornais e revistas começam a dar mais espaço para críticos profissionais, que passam a analisar obras literárias e culturais, refletindo sobre a cena cultural da época. Esse movimento surge como uma resposta ao crescente interesse por discussões sobre a arte e a literatura no país, principalmente nas grandes cidades.

Outro marco importante no desenvolvimento do jornalismo cultural brasileiro ocorreu nos anos 80, quando os principais jornais paulistas, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, passaram a criar seus cadernos culturais diários. Esses cadernos, como a *Ilustrada* e o *Caderno 2*, refletiam a efervescência cultural da cidade e o espírito de abertura democrática do país (Piza, 2003, p. 40). Essa mudança editorial, segundo Piza (2003), foi também um reflexo das transformações sociais e políticas que o Brasil vivia, especialmente com a redemocratização.

No final do século XIX o jornalismo começou a mudar e, com ele, o estilo da crítica cultural feita em periódicos. A presença social adquirida pela imprensa ficou evidente durante o famoso Caso Dreyfus, na França, em que um tenente judeu foi acusado de traição. Em 13 de janeiro de 1898, o popular romancista naturalista Émile Zola (1840-1902), também crítico de arte e literatura, saiu em defesa de Dreyfus numa carta aberta ao presidente da França sob o título "Eu acuso". Esse momento de glória jornalística levou Zola à prisão e multa, mas também abrigou o caso a ser revisto, e a inocência do tenente foi aprovada. (Piza, 2003, p. 17)

O jornalismo cultural, ao longo de sua trajetória, não apenas fez reflexões sobre a arte, mas também sobre si mesmo, especialmente em relação às suas próprias práticas e à forma como a cultura era abordada. A própria escolha dos temas, as críticas e os debates, refletiam as mudanças sociais e as novas realidades que surgiam. Nesse sentido, Piza (2003, p. 45) observa que o jornalismo cultural tem uma responsabilidade crítica, não apenas na análise das obras, mas também na reflexão sobre as tendências culturais e os interesses que moldam o mercado cultural.

"E tal editoria fora pensada não apenas para se destinar à informação, mas também para ser ocupada pela crítica acerca desses assuntos, como forma de enaltecer os sentidos que as manifestações artísticas culturais podem despertar no ser humano." (Assis, 2008, p. 184).

A relação entre o jornalismo cultural e o mercado, como afirmam Siqueira e Siqueira (2007, p. 3), é marcada por uma dialética entre arte e comércio,

entre valor de uso e valor de troca. O jornalismo cultural, ao analisar e divulgar produtos culturais, não pode se limitar a um olhar superficial. É essencial que se compreenda o impacto desses produtos na sociedade, questionando as tendências que são valorizadas pelo mercado e as induções simbólicas e morais que o público recebe. Como apontam Siqueira e Siqueira (2007, p. 4), essa relação entre cultura e mercado reflete as contradições entre o consumo e o valor intrínseco da arte.

O espaço para a cultura nos veículos de comunicação, especialmente nas revistas, é recente e continua a se afirmar como um campo importante dentro do jornalismo. É necessário que a cultura, enquanto área de expressão e reflexão, prove seu valor dentro desse contexto, rompendo com a ideia de que cultura é algo secundário ou inatingível. A cultura cotidiana, como a música, a literatura e os hábitos, pode ser abordada de forma crítica e reflexiva, sempre respeitando as particularidades da realidade social. Como observa Piza (2003, p. 46), a cultura, sendo um campo de experiências múltiplas, deve ser tratada de maneira que evidencie sua relevância social e humana, e não apenas seu aspecto superficial ou de entretenimento.

Como afirmam Siqueira e Siqueira (2007, p. 11), "para construir um conceito como o de cultura, é preciso estar vinculado a uma determinada forma de ver o mundo chamada também de cultura". Esse conceito dinâmico de cultura é o que sustenta esse projeto experimental. A ideia é integrar essas expressões culturais ao universo jornalístico, reconhecendo-as como parte importante do debate social e cultural, e não apenas como um produto a ser consumido. Essa abordagem permite que o jornalismo cultural desempenhe seu papel de mediador entre as manifestações artísticas e a sociedade, contribuindo para uma maior compreensão da cultura como um fenômeno complexo e multifacetado.

Em síntese, o jornalismo cultural é uma prática essencial para a democratização da informação, não apenas como um meio de disseminação de produtos culturais, mas como uma forma de reflexão sobre os valores, as tendências e os impactos dessas manifestações na sociedade. Ao fazer isso, ele contribui para a construção de uma cultura mais crítica, consciente e acessível a todos. Como destaca Piza (2003, p. 45), "o jornalismo cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses".

## 2.4 COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA

A comunicação popular e comunitária, segundo Miani (2021, p. 9), se configura como uma forma de expressão que se posiciona contra as hegemonias no campo da comunicação. Originada nas ações de movimentos e grupos populares, busca ser uma comunicação livre, desvinculada dos interesses governamentais e empresariais, muitas vezes voltados para a exclusão social e a homogeneização de conteúdo. No contexto do movimento Hip Hop e das batalhas de rima, essa comunicação torna-se uma ferramenta essencial para dar visibilidade a jovens marginalizados, sem acesso a meios tradicionais de expressão.

O estudo da comunicação popular redefiniu os marcos da problemática da comunicação. Durante muito tempo, falar de comunicação significou falar dos meios, canais, mensagens. Agora, falar de comunicação popular implica falar de cultura, de relação. E necessita, para tanto, da interdisciplinaridade em seu sentido mais profundo. Trazer a comunicação popular para o espaço da cultura fez introduzir a dimensão do conflito (...) histórico do qual o popular se define enquanto movimento de resistência. (Berger, 1989, p. 19)

Historicamente, a comunicação popular ganhou força no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1970 e 1980, impulsionada por movimentos sociais e pela necessidade de representar as demandas das classes subalternas (Puntel, 1994). Essa forma de comunicação é, portanto, um processo de mobilização coletiva que visa engajar os indivíduos na construção de conteúdos próprios e adaptados às suas realidades e necessidades. Peruzzo (1998) enfatiza que a comunicação popular não possui fins lucrativos e tem caráter educativo, cultural e mobilizador, tornando-se um canal pertencente à comunidade e aos movimentos sociais.

No contexto das batalhas de rima, os MCs emergem como vozes de resistência cultural. Os jovens de comunidades marginalizadas utilizam as batalhas como espaços de afirmação, denunciando desigualdades e lutando por representação e cidadania. A falta de visibilidade desses jovens é uma questão central, mas a comunicação popular pode garantir que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Nesse sentido, o Hip Hop e as batalhas de rima se tornam não apenas uma forma de arte, mas um movimento que reflete a luta por representação e identidade.

A comunicação popular, ao ampliar a voz de jovens MCs, ajuda a combater a pobreza, a discriminação e a violência, promovendo uma cidadania mais

plena e equitativa (Miani, 2021). Peruzzo (2013, p. 137) observa que essa forma de comunicação serve como um canal de participação política e social, permitindo que os segmentos excluídos reivindiquem seus direitos e lutem por justiça.

Diferente da mídia comercial, que muitas vezes prioriza o lucro e reproduz conteúdo que reforçam as estruturas de poder, a comunicação popular e comunitária constrói narrativas alternativas. Ela se diferencia não apenas pelos conteúdos, mas pelos formatos e pela participação ativa da população. Nas batalhas de rima, cada verso e cada rima têm o poder de impactar a comunidade, fortalecendo laços e promovendo a conscientização.

A era digital trouxe novas possibilidades para a comunicação popular. As plataformas digitais e redes sociais, como YouTube e Instagram, proporcionam aos MCs uma visibilidade antes inalcançável. Contudo, essa visibilidade também traz desafios, como a necessidade de manter a autonomia frente aos interesses comerciais. Como Peruzzo (1998, p. 115) observa, as formas alternativas de comunicação surgem como resposta às limitações dos meios tradicionais, oferecendo um espaço onde as vozes do Hip Hop podem ser amplificadas, mas também devem ser protegidas contra as armadilhas do sistema dominante.

## 2.5 TÉCNICA JORNALÍSTICA

A construção de qualquer material jornalístico depende fortemente da técnica. O processo se inicia com a definição da pauta, que, segundo Nilson Lage, é uma prática relativamente recente. “Institucionalizou-se, a princípio, nos magazines: a razão é que revistas, ao contrário dos jornais, não têm o compromisso de cobrir todos os assuntos de sua área de abrangência: devem selecioná-los” (LAGE, 2003, p. 29). O autor ressalta que, embora o planejamento proporcionado pela pauta seja fundamental, é essencial manter certa flexibilidade para adaptações ao longo da produção.

(...) pautas muito detalhadas e precisas, linhas editoriais rigidamente definidas conduzem a uma situação em que o repórter se limita a relacionar fatos, depoimentos e dados estatísticos conforme as interpretações que lhe chegaram prontas - como se estivesse preenchendo um formulário. (LAGE, 2003, p. 41).

Segundo Medina (1986), a pauta corresponde ao primeiro dos quatro níveis da entrevista jornalística. Nesse estágio, denominado por ela de “competência técnica”, a pauta define a ideia central do tema a ser abordado. A autora ressalta que esse planejamento pode ser apresentado de forma oral ou registrada de maneira esquemática (MEDINA, 1986, p. 27). Além disso, ela explica que a pauta:

(...) desenvolve o assunto nos seus antecedentes, implicações, ângulos exploráveis e possíveis projeções. Pode passar uma pauta mais substancial ao repórter, através de uma conversação oral ou através de um texto mais minucioso. A finalidade precípua desse tratamento é situar o entrevistador em um quadro com o mínimo de dados que lhe possibilitem a movimentação no tema, ainda que não tenha experiência nessa área. (Medina, 1986, p. 28).

Antes de avançar para a segunda fase, que envolve a interação social, é fundamental selecionar as fontes que serão entrevistadas. Como destaca Medina (1986, p. 35), "a escolha da fonte de informação está associada à própria pauta", sendo esse o ponto de partida da entrevista. Já Lage (2003) classifica as fontes com base em seu grau de confiabilidade, dividindo-as em oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; além de testemunhas e especialistas.

O segundo nível, que Medina define como interação social, corresponde ao momento da entrevista propriamente dita. Segundo a autora, essa etapa vai além da técnica, pois envolve um compromisso com a comunicação coletiva. “Deixa-se o terreno exclusivo do desempenho individual do técnico para se valorizar seu papel social” (MEDINA, 1986, p. 29). Já Lage (2003) classifica as entrevistas em quatro categorias: rituais, temáticas, testemunhais e em profundidade. Esta última é a mais utilizada na Vozes da Rua, tornando relevante destacar a análise do autor sobre esse modelo.

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (Lage, 2003, p. 75)

Outro formato de entrevista presente na revista é a temática, que, segundo Lage (2003, p. 74), pode contribuir para a compreensão de um problema, expor um ponto de vista ou reforçar uma linha editorial por meio da validação do entrevistado. Além dos tipos de entrevista, o autor também destaca as diferentes

circunstâncias em que elas podem ocorrer, classificando-as como ocasionais, confrontos, coletivas ou dialogais. Na Vozes da Rua, todas as entrevistas seguem o modelo dialogal, ou seja:

Marcadas com antecipação, reúnem entrevistado e entrevistador em ambiente controlado (...). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. (LAGE, 2003, p. 77).

Após a realização das entrevistas, inicia-se o processo de redação da matéria. Segundo Medina (1986, p. 65), "montar uma grande matéria oferece dificuldades similares à estruturação de uma narrativa literária, a de um conto, por exemplo". A autora aponta que há diferentes maneiras de organizar o texto jornalístico. O formato mais tradicional é o modelo estratificado, também chamado de lógico/linear, que segue a estrutura da pirâmide invertida – apresentando as informações mais relevantes no início e aprofundando os detalhes ao longo do texto.

Outro modelo possível é o dinâmico, também conhecido como fragmentário/mosaico, que se diferencia por sua estrutura flexível e segmentada. Nesse caso, o texto é construído em blocos independentes, permitindo múltiplos fluxos de leitura e rompendo com a lógica convencional de começo, meio e fim (MEDINA, 1986, p. 67).

Por fim, há o antimodelo, ou alógico/alinear, que se distancia completamente das estruturas tradicionais. Esse formato não segue uma organização fixa, proporcionando uma experiência de leitura mais subjetiva e aberta à interpretação.

Ao final desse processo, conforme sugere Lage (2003), o objetivo deve ser uma reportagem que realmente atenda às necessidades do público, oferecendo informações objetivas e relevantes, ao invés de meras reproduções de discursos já consolidados no poder. "O que é necessário é fornecer ao público informação objetiva que consulte suas necessidades e desejos" (Lage, 2003, p. 144-145)

## 2.6 HIP HOP

Os rappers, também conhecidos como MCs (mestres de cerimônia), são responsáveis pela composição e interpretação de músicas no estilo rap. Este gênero é formado pela combinação de dois elementos essenciais do Hip Hop – o DJ e o MC – que fazem parte de um movimento cultural nascido nas periferias, mais especificamente no bairro do Bronx, nos Estados Unidos, durante os anos 1970. Naquela época, os EUA viviam um contexto político e social marcado por uma forte segregação entre periferias e áreas nobres, assim como entre pessoas negras e brancas, e entre classes sociais altas e baixas. O Bronx era habitado majoritariamente por negros e latinos, que lutavam por sobrevivência em meio a um cenário nacional de guerra no Vietnã e intensas tensões políticas. Muitos soldados enviados para o conflito eram jovens de origem negra e latina, que retornavam do combate com traumas físicos e psicológicos, além de dependências químicas (Pimentel, 1997). A incidência do uso de drogas nos bairros marginalizados, como o Bronx e o Harlem, aumentava, e os ex-combatentes enfrentavam grandes dificuldades para se reintegrar à sociedade. Segundo Pimentel (1997), esses jovens frequentemente "tinham dificuldade para se reintegrar à sociedade, conseguir trabalho e acabavam na marginalidade" (p.3). Esse cenário trouxe impactos negativos para as comunidades locais ao longo das décadas de 1970 e 1980. Buscando formas de se expressar e encontrar alívio, os jovens do Bronx começaram a organizar festas, inicialmente como uma forma de diversão:

Nos Estados Unidos, o MC surgiu como aquele responsável por entreter e animar o público nas festas de rua – as block parties – com refrãos mais ou menos elaborados. A afirmação do rap como música de contestação ocorreu somente na década de 1980, especialmente com o rapper Brother D e os grupos Grandmaster Flash & The Furious Five e Public Enemy. Este último, com um discurso direcionado à defesa dos interesses da comunidade negra, passou a ser referência de opinião tanto para os integrantes do movimento hip-hop quanto para as pessoas que se identificavam com as temáticas abordadas e com os questionamentos realizados. (Baker, 2006; Bradley; Dubois, 2010 apud Loureiro, 2019, p.3).

De forma concisa, foi nesse cenário que o rap surgiu, tornando-se um dos gêneros musicais mais poderosos no mercado atual, mas ainda subestimado como expressão cultural por boa parte da sociedade. No Brasil, as festas nas periferias também começaram a se popularizar na década de 1970, especialmente

em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Nessa época, a influência do movimento Black Power dos Estados Unidos já era evidente entre os artistas brasileiros, que promoviam bailes com muito soul e funk, conhecidos como bailes black. Esse ambiente abriu caminho para o surgimento da cultura Hip Hop no Brasil, que chegou inicialmente pela dança de rua, especialmente em São Paulo e no ABC Paulista (Bastos, 2020). Em 1982, o breaking começou a fazer parte desses eventos, assim como os primeiros raps (Pimentel, 1997). Naquela época, tanto os frequentadores quanto os artistas e organizadores desses bailes já enfrentavam perseguições policiais:

Depois de a mídia tornar aquele movimento conhecido como "Black Rio", Paulão, gestor da equipe Black Power, e Nirto e Don Filó, da Soul Grand Prix, chegaram a ser detidos pela polícia política da ditadura militar, o DOPS, que acreditava que por trás da organização dos bailes havia grupos revolucionários de esquerda (Pimentel, 1997, p. 15).

Alguns dos pioneiros da cena musical do rap no Brasil durante os anos 80 e 90 incluem artistas e grupos como Thaide e DJ Hum, MC Jack, Sampa Crew, Visão de Rua e Racionais MC's, muitos dos quais continuam a ser amplamente ouvidos até hoje. Nas letras dessas músicas, as denúncias sobre a violência policial contra jovens negros eram recorrentes, e, lamentavelmente, pouca coisa mudou desde então. Em 2021, conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 84% das pessoas mortas por ações policiais eram negras (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022). Além disso, as chances de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil são 2,6 vezes maiores do que as de uma pessoa não negra (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Atlas da Violência, 2021). Atualmente, o rap continua sendo um dos estilos musicais mais ouvidos nas periferias, ao lado do Funk e do Trap, mas sua popularidade já se espalhou por todo o país, alcançando pessoas de todas as classes sociais e raças. Novas vertentes surgiram, como o rap gospel e o rap de ostentação, mas o rap de denúncia mantém seu espaço na cena, mantendo viva a essência do Hip Hop e sua história.

### 2.6.1 Batalha de Rima

As batalhas de rima são espaços que promovem a interação, o compartilhamento de ideias e experiências, e, acima de tudo, a troca de conhecimento entre os participantes. Esses eventos, em sua maioria independentes, são organizados por MCs e outros artistas do movimento Hip Hop, e desempenham um papel essencial para aspirantes a MC, que podem observar duplas, trios ou grupos rimando de forma improvisada em um estilo de "bate e volta". A plateia, que forma um círculo ao redor dos MCs, ouve atentamente enquanto o mestre de cerimônias conduz o evento, faz a apresentação, orienta as disputas e contabiliza os votos, que geralmente são dados pelo público através de aplausos, gritos e assobios. O MC que receber mais apoio sonoro é declarado vencedor.

Existem diferentes modalidades de batalhas, sendo as mais populares a batalha de sangue e a batalha de conhecimento. A batalha de sangue tem raízes nos primeiros anos do rap, uma época em que o microfone era usado para debochar de oponentes ou contar histórias engraçadas. O termo "rap" em inglês carrega os significados de "bater" e "criticar", além de ter sido utilizado em contextos de jogos de improviso e insultos verbais nos Estados Unidos (Loureiro, 2016). Nessas batalhas, o objetivo é "atacar" o adversário de maneira humorística e irônica, sem recorrer a insultos ou ofensas graves.

Por outro lado, as batalhas de conhecimento exigem que os MCs improvisem sobre um tema específico, geralmente sugerido pelo público. Nesse formato, os competidores desenvolvem suas rimas defendendo seu ponto de vista e argumentando sobre o tema proposto. O MC que demonstrar melhor habilidade de acordo com o tema vence a rodada. Cada batalha pode ter múltiplas rodadas, com a possibilidade de até três, caso haja empate.

### 2.6.2 Batalha de Rima em Londrina

Em Londrina, as batalhas de rima acontecem de segunda a domingo em diferentes bairros da cidade: Jardim Marieta, União da Vitória, Cidade Industrial II, Centro, Vila Nova, Conjunto Cafezal, Universidade, Jd. Bandeirantes e Luís de Sá. São organizadas em dias distintos, justamente para alcançar mais públicos e maior

participação dos artistas de diferentes regiões. O principal objetivo dos MCs em uma batalha é a troca de rimas criativas e inteligentes, seja na modalidade de conhecimento, onde as rimas se desenvolvem a partir de um tema específico, ou na batalha de sangue, onde o foco é atingir o oponente de forma sagaz e humorística. Embora essas sejam as modalidades mais populares, elas podem variar e se transformar de acordo com o evento. Cada batalha possui suas particularidades, mas todas compartilham a finalidade de aprimorar as habilidades dos MCs, promover a troca de saberes e criar um ambiente acolhedor para pessoas que não se sentem representadas em espaços dominantes, especialmente aquelas que enfrentam situações de vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade social é caracterizada como o “estado no qual grupos ou indivíduos se encontram destituídos de capacidade para ter acesso aos equipamentos e oportunidades sociais, econômicas e culturais oferecidos pelo Estado, mercado e sociedade” (Padoin; Virgolin, 2010, p.1). No entanto, na prática, essas oportunidades frequentemente não alcançam os jovens das periferias, já que o Estado raramente as oferece nessas regiões. Isso faz com que esses jovens dependam de outras iniciativas, como as batalhas de rima, os slams (batalhas de poesia falada que surgiram nos Estados Unidos na década de 1980) e outros projetos relacionados ao movimento Hip Hop, para ter acesso à cultura, lazer e educação.

## 2.7 VOZES DA RUA

Vozes da Rua: O Rap Londrinense em Revista é uma revista digital dedicada a documentar e valorizar as vozes do RAP em Londrina. A publicação será bimestral e busca ser um espaço de resistência cultural. Seu objetivo é dar visibilidade aos MCs e artistas locais, que muitas vezes são marginalizados pela mídia tradicional. Como destaca Szantó (2007, apud Ballerini, 2015), "existe mais cultura na mídia hoje porque as artes não são somente algo para desfrutar nos fins de semana; a cultura representa toda a vida de uma cidade". Além de registrar a produção musical, Vozes da Rua contextualiza a trajetória do rap londrinense e a importância dessa cena para a identidade da cidade.

### 2.7.1 Linha Editorial

A linha editorial da *Vozes de Rua* vai focar no rap produzido em Londrina, destacando a cultura Hip Hop e seus protagonistas. O espaço será dado às vozes locais, especialmente aquelas que têm pouca representatividade na mídia tradicional. Como observa Ballerini (2015, p. 153-154), o rap, assim como outros gêneros populares como funk e pagode, muitas vezes é marginalizado pela imprensa, que prioriza o pop e o rock. A proposta da revista é mudar essa realidade, dando espaço aos artistas locais e suas produções.

A revista será composta principalmente por entrevistas, reportagens fotográficas e perfis, dando destaque à vivência e aos depoimentos dos artistas e profissionais do movimento Hip Hop. O objetivo é criar um espaço para que esses artistas possam compartilhar suas histórias e reflexões sobre o cenário cultural e social. Além disso, a *Vozes da Rua* vai abordar a marginalização do rap e da cultura popular na mídia, mostrando como o jornalismo pode ser uma ferramenta para ampliar a voz desses artistas e democratizar o acesso à informação.

### 2.7.2 Escolha do Meio

A escolha de desenvolver a revista *Vozes da Rua* em formato digital está diretamente relacionada às transformações no modo de consumo de informação e às características específicas do público-alvo, jovens e adultos engajados na cena Hip Hop. A revista, como veículo, possui uma longa tradição em oferecer um espaço estruturado e contínuo para a publicação de matérias aprofundadas, análises e entrevistas exclusivas. Em um ambiente digital, esses atributos são potencializados, permitindo a criação de um conteúdo multimídia, interativo e com grande alcance.

Como Scalzo (2011) aponta, as revistas são mais do que simples repositórios de informação: “elas ajudam a conectar o editor ao leitor, unir pessoas, compor personalidades e estabelecer identificações” (Scalzo, 2011, p. 40). Uma revista oferece um formato estruturado com seções fixas, colunas e reportagens detalhadas que vão além da superficialidade das redes sociais ou da rapidez das notícias diárias. Para Fátima Ali (2009), esse formato cria familiaridade e gera expectativas no leitor: “o leitor se identifica e se acostuma com o ‘jeito’ da sua revista:

o formato, o estilo do texto, o design, as seções fixas, as colunas. Quer encontrar sua seção preferida numa página determinada, ter a sensação de familiaridade” (Ali, 2009, p. 18).

Optar por uma revista digital agrega ainda mais vantagens em uma era dominada por dispositivos móveis e pela conectividade constante, o formato digital permite que o público tenha acesso ao conteúdo a qualquer momento e de qualquer lugar. Marília Scalzo (2011) reforça que, na era digital, as revistas precisam encontrar maneiras de se destacar: "não adianta querer reproduzir os recursos da internet ou da TV em papel" (Scalzo, 2011, p. 40). Nesse sentido, *Vozes da Rua* se beneficia ao explorar as características do digital, proporcionando uma leitura interativa e personalizada que valoriza a cultura Hip Hop, as batalhas de rima e o rap de Londrina, permitindo maior engajamento e conexão entre os artistas e o público.

Com a maior parte da população tendo acesso à internet, fazer revistas e chegar ao público ficou mais fácil. Diferentemente do que se imaginava, as revistas não acabaram, precisaram e conseguiram se adaptar.

No ano 2000 previram que a internet acabaria com as revistas. Não acabou. E permitiu um contato direto e imediato com o leitor como nunca foi possível antes e tornou-se um meio para a venda de assinaturas; ajudou a enriquecer o conteúdo editorial com a colaboração instantânea de profissionais em qualquer parte do mundo; com a interatividade com os leitores, pesquisa de informações, compra de fotos, clip-arts e fontes tipográficas. Mais: tornou possível a revista virtual. (Ali, 2009, p. 22).

Por que escolher uma revista digital em vez de um portal de notícias? A resposta está na experiência de leitura. É importante reconhecer que existem aspectos únicos que apenas o design editorial e a diagramação podem proporcionar. Isso que o próximo capítulo vai abordar.

### 2.7.3 A importância do design editorial

O design editorial é uma peça-chave na comunicação eficaz de uma revista, pois vai além de ser um simples elemento estético; ele integra e potencializa a experiência de leitura. Como pontua Ali (2009), o leitor não faz distinção entre texto e arte, enxergando ambos como uma estrutura única e coesa. O design tem o papel essencial de atrair o olhar do leitor e envolvê-lo desde o primeiro contato, já que

“mesmo a matéria mais fantástica pode deixar de ser lida se o design falhar na sua função de emocionar, surpreender, encantar e – sobretudo – de apresentar as qualidades de seu conteúdo” (Ali, 2009, p. 96).

Além disso, o design deve ser cuidadosamente planejado para atender ao público-alvo e estar alinhado aos objetivos e à missão da publicação. Um bom projeto gráfico reflete a identidade da revista, como destaca Ali (2015), “sob medida para uma determinada revista, de acordo com seu público leitor, sua missão e seus objetivos específicos” (Ali, 2015, p. 97). Dessa forma, ele não só valoriza o conteúdo editorial, mas também atua como um reflexo do contexto cultural da época, funcionando como um “instantâneo cultural vivo da época em que é produzido” (Caldwell e Zappaterra, 2014, p. 10).

Bertocchi (2016) reforça a importância do design ao sustentar que toda experiência narrativa jornalística é influenciada pelo design de interface. Para a autora, todos os elementos gráficos – formas, cores, imagens e tipografias – compõem o desenho conceitual e técnico, formando “o lugar no qual o formato se substancializa e ganha vida aos olhos daqueles que o acessam, visualizam e com ele interagem, construindo uma experiência narrativa jornalística” (Bertocchi, 2016, p. 172).

Na revista *Vozes da Rua*, o design é pensado para refletir as vivências e a cultura do rap e das batalhas de rima em Londrina. Foram escolhidas três cores principais: preto, branco e vermelho. O preto e o branco são escolhas clássicas e essenciais para garantir contraste e clareza visual, enquanto o vermelho se destaca como a cor que define a identidade da revista. Esse tom de vermelho, resultante da mistura com o branco, remete à conexão com Londrina, conhecida como a cidade do “pé-vermelho”. A utilização do vermelho, além de evocar a criatividade, também reflete a energia e a força do rap local, sendo um elemento visual central da *Vozes da Rua*.

A tipografia também terá um papel simbólico, remetendo ao quarto pilar do Hip Hop, o Graffiti. A fonte *Urban Calligraphy*, será usada para os títulos e chamadas, enquanto *Century Gothic* será aplicada nas legendas, e *Bahnschrift* no corpo do texto, garantindo clareza e legibilidade.

Em termos de *layout*, a diagramação em duas colunas favorecerá uma revista menos densa e com mais “respiro” entre os elementos textuais, facilitando a leitura. Para separar os parágrafos, será utilizado um espaçamento de uma linha, e

toda a composição gráfica será feita no programa Adobe InDesign 2025, garantindo um alto nível de precisão e qualidade visual no produto. Como a *Vozes da Rua* é uma revista digital e um dos propósitos é dar espaço para os artistas locais, cada uma das matérias traz na abertura um QR-Code e um link clicável (para quem estiver lendo através de um smartphone) que leva até uma playlist com músicas ou álbuns dos artistas citados.

### 3 MEMORIAL DESCRITIVO

#### 3.1 SEÇÕES

Com 56 páginas, a revista *Vozes da Rua* será dividida em três seções principais: *Sobrevivências*, *Na Rua é Nós* e *Rap é o Som*. Cada seção abordará aspectos distintos do universo do rap e da cultura hip hop em Londrina, refletindo a realidade local e as vivências de seus protagonistas.

A seção inicial, *Sobrevivências*, terá 20 páginas e será dedicada à representatividade dos MCs de Londrina, destacando histórias de resistência e superação. Entre os destaques, uma entrevista pingue-pongue com Cleópatra MC, realizada via Google Meet, abordará sua trajetória como mulher no rap e momentos marcantes, como sua participação no Festival Parada LGBTQ+ de 2022.

Além disso, uma entrevista perfil com Adilsin MC revelará sua jornada no hip hop, destacando conquistas em batalhas como a Super Concha e sua atuação no grupo Etnia Rap. As imagens que acompanham o texto foram cedidas pelo fotógrafo Jards. Para complementar, a seção incluirá um poema de Menor NPR 043, enviado via WhatsApp, com elementos visuais que enfatizam sua mensagem.

*Na Rua é Nós*, com 16 páginas, focaremos nas histórias de transformação social proporcionadas pelo rap e pelo hip hop em Londrina. Essa seção trará matérias mais opinativas ou que exigem o olhar do repórter, como resenhas, reportagens de vivência, fotorreportagens e artigos de opinião. Entre os destaques, uma entrevista coletiva com Lígia, Venezian Ayo e Preta Mar, do Coletivo Máfia, apresentará depoimentos sobre o papel do grupo no fortalecimento das vozes marginalizadas.

Além disso, uma reportagem fotográfica da Batalha da Leste, idealizada por Bigode MC, retratará a energia do evento e sua importância para a comunidade da Zona Leste. A seção será concluída com uma reportagem sobre a primeira batalha de rima de Londrina, trazendo depoimentos e entrevistas que evidenciam seu impacto cultural.

A última seção, *Rap é o Som*, com 12 páginas, será dedicada à produção musical local. Uma resenha analisará o álbum *Pede Agô*, da MC Luli,

destacando sua qualidade musical e autenticidade. Também contará com duas páginas dedicadas ao serviço ao leitor, apresentando um mapa com todas as batalhas de rima da cidade. Por fim, uma lista de indicações destacará músicas de MCs londrinenses, acompanhadas de resumos que ressaltam o estilo e a mensagem de cada faixa.

### 3.2 PÚBLICO-ALVO

A revista é direcionada a jovens e adultos de Londrina e região que se identificam com a cultura Hip Hop, especialmente aqueles que acompanham as batalhas de rima e o universo do rap local. Além disso, busca atingir jornalistas, estudantes de comunicação e profissionais da área cultural, interessados em entender as dinâmicas da produção cultural periférica e os desafios de dar visibilidade a essas expressões com sensibilidade e profundidade.

### 3.3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

Para o desenvolvimento da revista, serão realizadas entrevistas com pessoas diretamente envolvidas no cenário musical, especialmente no universo do Hip Hop e Rap. Entre os entrevistados estão músicos e organizadores de batalhas e eventos. O objetivo é captar a diversidade de perspectivas e experiências que moldam a cultura hip hop local.

Uma dessas entrevistas foi realizada com a Cleópatra MC, através de uma conversa online pela plataforma Google Meet, escolhida por questões de agenda e mobilidade da artista. A entrevista, no formato “pingue-pongue”, foi gravada para garantir uma transcrição precisa e completa. Além disso, a reportagem incluirá imagens cedidas pela fotógrafa Denise Pimenta, que registrou Cleópatra durante sua apresentação no Festival Parada LGBTQ+ de 2022, que segundo a artista, foi um marco em sua carreira e registro da sua primeira batalha de rima realizada pelo coletivo Máfia.

A entrevista principal foi realizada com o Washington Luís, WMC, e para isso estive presente na Batalha da Concha, que ocorre atualmente no Centro Recreativo do Zerão toda sexta-feira a partir das 20 horas. A conversa foi registrada

por meio de um gravador de celular, o que possibilita transcrever o texto com clareza e fidelidade. No mesmo dia, aproveitei para capturar imagens da batalha.

O ensaio fotográfico foi realizado na Batalha da Leste. O idealizador do evento, Gabriel Coelho, mais conhecido como Bigode MC, cedeu o espaço para capturar a batalha realizada no dia 14 de dezembro, além de uma entrevista, em que contou a história da batalha e o impacto que trouxe para a comunidade da Zona Leste de Londrina.

Para a seção de perfil desta edição, o MC Adilsinho foi o destaque. Ele é membro do grupo Etnia Rap, campeão da Super Concha e finalista de um concurso nacional de batalha de rima. A entrevista foi realizada na Batalha das Mina, onde ele esteve presente para apoiar o movimento. A entrevista foi registrada através do gravador de celular. As fotos utilizadas nessa matéria foram cedidas pelo fotógrafo Jards, que faz parte da produção do grupo Etnia Rap.

A reportagem com o Coletivo Máfia foi realizada no mesmo dia que a entrevista do Adilsin Mc. Ao final da Batalha da Máfia, as organizadoras, Ligia, Venezian, Dayo e Preta Mar, se reunirão na praça onde é realizado a batalha e fizemos um bate papo, que possibilitou produzir a matéria. A entrevista foi gravada através do gravador de celular. As imagens que compõem a matéria foram registradas por mim no mesmo dia da entrevista, utilizando a câmera EOS Rebel SL3. Além disso, inclui imagens cedida pela fotógrafa Denise Pimenta, que capturou a apresentação do coletivo no Festival Parada LGBTQ+ de 2022 e a primeira Batalha das Mina, realizada em 15 de março de 2020.

O poema presente nesta edição foi escrito por Iago Avanço, mais conhecido como Menor NPR. O poeta e MC cedeu um de seus poemas, integrante do livro Poesia 043: Um livro de quatro capítulos, para publicação na revista. Todo o contato foi realizado via WhatsApp, com o poema enviado tanto em formato de áudio quanto em texto, por meio de um arquivo PDF.

Esse processo de produção tem como foco garantir que as entrevistas e reportagens apresentem, com profundidade, as histórias e lutas desses artistas, ao mesmo tempo em que são enriquecidas com imagens, reforçando o caráter visual e narrativo da revista.

As entrevistas e diagramação foram realizadas seguindo o cronograma previamente estabelecido. A revista está disponível para leitura no Google Drive.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Projeto experimental em Jornalismo - VOZES DA RUA: O RAP LONDRINENSE EM REVISTA. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/12pH2OM8a0MQVZyJ8Azhf48WQQCcRJNTI/view?usp=sharing>> Acesso em: 31 de janeiro de 2025.

## 4 CONCLUSÃO

O resultado da *Vozes da Rua* atendeu às expectativas traçadas desde as ideias iniciais: ser um projeto que abre espaço para artistas locais falarem sobre suas carreiras e se aproximarem do público. A revista mostrou-se um formato inovador na cidade, ampliando o acesso e a valorização do movimento hip hop londrinense. Em um cenário onde a maior parte dos investimentos é direcionada a gêneros musicais e artistas já consolidados, as entrevistas e reportagens desta publicação – distribuídas em 56 páginas – destacam o outro lado: o dos artistas independentes, que dependem do apoio da comunidade para seguirem suas trajetórias.

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para a construção prática do trabalho. O estudo de experiências anteriores, a compreensão da história do jornalismo de revista e o aprofundamento no jornalismo cultural permitiram que decisões gráficas e editoriais fossem tomadas com maior segurança e embasamento.

Além de sua relevância cultural, *Vozes da Rua* também demonstra viabilidade em termos de sustentabilidade e vendabilidade. O público interessado no hip hop londrinense é expressivo, como evidenciado pelas batalhas de rima e eventos que reúnem centenas de pessoas na cidade. A distribuição digital da revista reduz custos de impressão e amplia seu alcance, garantindo que mais leitores tenham acesso ao conteúdo. A longo prazo, parcerias com coletivos culturais, patrocinadores e financiamento colaborativo podem assegurar a continuidade do projeto e a produção de novas edições.

O contato direto com os entrevistados, a realização de sessões fotográficas e as entrevistas contribuíram não apenas para a qualidade do projeto, mas também para minha formação como jornalista. Essa vivência prática ampliou minha compreensão sobre a importância do jornalismo cultural e reforçou meu compromisso em valorizar vozes independentes e marginalizadas.

Por fim, *Vozes da Rua* abre caminho para novas publicações sobre música e cultura em Londrina. O cenário artístico da cidade ainda possui um vasto potencial a ser explorado, e este trabalho se propõe a ser apenas um ponto de partida para futuras descobertas e projetos experimentais.

## REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

ASSIS, Francisco. Jornalismo Cultural Brasileiro: aspectos e tendências. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/real/index.php/comunicacao?dd99=ddf&dd1=2633>. Acesso em: 08 ago. 2024.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica – História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo Cultural no Século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música**. São Paulo: Summus, 2015.

BASTOS, Pablo Nabarrete. **Contribuições históricas do Movimento Hip Hop para a luta contra o racismo e para a comunicação da juventude negra e periférica**.

*Revista de Comunicação Dialógica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 65-80, 22 jul. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/rcd/article/view/50369>. Acesso em: ago. 2024.

BERGER, Christa. **A comunicação emergente: popular e/ou alternativa no Brasil**. Rio Grande do Sul, 1998.

BERTOCCHI, D. **Dos dados aos formatos: a construção de narrativas no jornalismo digital**. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016. 172 p.

CALDWELL, Cathy; ZAPPATERRA, Yolanda. **Design editorial: jornais e revistas – mídia impressa e digital**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

COTTA, P. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

DARBY, C.; SHELBY, T. **Hip Hop e a Filosofia**. Tradução: Martha Malvezzi Leal.

São Paulo: Madras, 2006.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. [s.l: s.n.]. v. ano 16.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 188 p.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979. 116 p.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 189 p.

LOUREIRO, B. R. de C. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 63, p. 235-241, 2016.

LOUREIRO, B. R. de C. **Formação política via autoeducação no movimento hip-hop: experiências de rappers ativistas no Brasil**. *Revista Educação (UFSM)*, v. 44, n. 1984-6444, 2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MIANI, R. **A Comunicação Popular e Comunitária e as lutas por cidadania como expressão contra-hegemônica**. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 1. ed., 2021

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002. 176 p.

PADOIN, Isabel Graciele; VIRGOLIN, Isadora Wayhs Cadore. **A vulnerabilidade social como uma dificuldade a participação política**. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 15., 2010, Cruz Alta-RS. Anais [...]. Disponível em: <http://goo.gl/QVrpC0>. Acesso em: set. 2024.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**.

*Revista PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2002a. Disponível em: <[www.metodista.br/unesco/pcla](http://www.metodista.br/unesco/pcla)>. Acesso em: out. 2024.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunidades em tempo de redes**. In: Peruzzo, Cicilia M.K; Cogo, Denise; Kaplún, Gabriel (Orgs.). *Comunicación y movimientos populares: ¿cuáles redes?*. São Leopoldo: Unisinos, 2002b. p. 275-298.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: OLIVEIRA, Maria José da C. (Org.). *Comunicação pública*. Campinas: Alínea, 2004b. p. 49-79.

PIMENTEL, Spensy K. **O livro vermelho do hip hop**. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SIQUEIRA, D. da C. O.; SIQUEIRA, E. D. de. **A cultura no jornalismo cultural**. *Lumina*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20990. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20990>. Acesso em: out 2024.

ZIBORDI, Marcos Antônio. **O rap como religião de salvação – The rap as a religion of salvation**. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 14, n. 27, São Paulo, 2013.

ZIBORDI, Marco Antônio. **Hip Hop paulistano, narrativa de narrativas culturais**.  
São Paulo: 2015. 242 p. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação  
– Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo.

## APÊNDICES

## 4.2 APÊNDICE A - PROJETO GRÁFICO

Tabela 1 - Medidas e Defesas

Elemento	Altura	Largura	Defesas/Cabeça/Pé
Jornal (duas páginas)	266 mm	203 mm	Cabeça: 15 mm, Pé: 15 mm, Lado direito (LD): 10 mm, Lado esquerdo (LE): 10 mm
Número de colunas	**	**	2 colunas (Defesa entre colunas: 8,46666)
Páginas	**	**	56 (cinquenta e seis)

Tabela 2 – Logotipo da revista

Fonte	Urban Calligraphy
Modo	Regular
Corpo	125 pt
Alinhamento	Centralizado
Cor	Vermelho (C=0 M 100 Y=100 K=0)

Tabela 3 - Chamada de capa

Fonte	Berlin Sans Fb
Modo	Bold
Corpo	30 pt
Alinhamento	Alinhado à esquerda
Cor	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0)
Fonte frase	Franklin Gothic Mediur – Regular 13 pt
Fonte pág.	Berlin Sans Fb Demi - Bold

Tabela 4 – Fio-data e paginação

Fonte	Century Gothic
Modo	Bold
Corpo	12 pt
Alinhamento	Alinhado à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 5 - Titulação (geral)

	Titulação primária	Titulação poema	Titulação Rap Nacional Até	Titulação Resenha
--	--------------------	-----------------	----------------------------	-------------------

			Umas Horas	
Fonte	Urban Calligraphy	Bistol	Aileron e Urban Calligraphy	Aileron
Modo	Regular	Regular	Black/ Regular	Bold
Corpo	100 pt	13 pt	123/35 pt	35 pt
Alinhamento	Alinhado à direita	Centralizado	Centralizado e alinhado à direita	Alinhado à direita
Cor	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0) Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0) Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 6 – Textos (geral)

Fonte	Bahnschrift
Modo	Regular
Corpo	13 pt
Alinhamento	Justificado com a última linha alinhada à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)
VA	Entre -10 a 20
Entrelinha	13,2 pt

Tabela 7 – Linha fina

Fonte	Century Gothic
Modo	Italic
Corpo	15 pt
Alinhamento	Alinhado a direita
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)
VA	Entre -10 a 20
Entrelinha	18 pt

Tabela 8 – Crédito de texto e imagem

Fonte	Century Gothic
Modo	Bold
Corpo	10
Alinhamento	Alinhado à direita

Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)
-----	--------------------------

Tabela 9 – Janela

Fonte	210 Epilogue
Corpo	35 pt
Modo	Regular
Alinhamento	Centralizado
Cor	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0)

Tabela 10 – Capitular

Fonte	Bistol
Modo	Regular
Número de linhas	3
Alinhamento	Justificado com a última linha a esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)

Tabela 11 – Legendas de imagens

Fonte	Century Gothic
Modo	Bold Italic
Corpo	8
Alinhamento	Alinhado à direita ou alinhado à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)

Tabela 12 – Seções

Fonte	Bistol
Modo	Regular
Corpo	25 pt
Alinhamento	Alinhado à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)
	**O título das seções deve aparecer apenas no canto superior esquerdo da primeira página **

Tabela 13 - Entretítulos

Fonte	Bahnschrift
Modo	Bold
Corpo	13 pt
Alinhamento	Justificado com a última linha a esquerda
Cor	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0)

Tabela 14 - Título principal

Fonte	Aileron e Urban Calligraphy
Modo	Black/ Regular
Corpo	132/250 pt
Alinhamento	Centralizado e alinhado à direita
Cor	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0) Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 15 - Títulos dos álbuns (playlist)

Fonte	Aileron
Modo	Bold
Corpo	15 pt
Alinhamento	Alinhado à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0) Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)

Tabela 16 - Créditos da plataforma e artista (playlist)

Fonte	Nourd Bold
Modo	Regular
Corpo	10 pt
Alinhamento	Centralizado
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 17 - Título do sumário

Fonte	Urban Calligraphy
Modo	Regular
Corpo	111 pt
Alinhamento	Alinhar à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 18 – Chamada matéria (sumário)

	Titulação geral	Titulação principal
Fonte	Aileron	Aileron
Modo	Black	Black
Corpo	20 pt	35 pt
Alinhamento	Alinhar à esquerda	Alinhar à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0)

Tabela 19 - Páginas (sumário)

	Titulação geral	Titulação principal
Fonte	Aileron	Aileron
Modo	Black	Black
Corpo	40 pt	63 pt
Alinhamento	Alinhar à esquerda	Alinhar à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)	Vermelho (C=0 M=100 Y=100 K=0)

Tabela 20 – Expediente

Fonte	Urban Calligraphy
Modo	Regular
Corpo	50
Alinhamento	Centralizado
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 21 - Texto expediente

Fonte	Berlin Sans FB
Modo	Regular/Bold
Corpo	12
Alinhamento	Justificar com a última linha centralizada
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 22 - Perguntas pingue-pongue

Fonte	Bahnschrift
Modo	Semi Bold
Corpo	13
Alinhamento	Justificar com a última linha à esquerda
Cor	Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)

Tabela 23 - Respostas pingue-pongue

Fonte	Bahnschrift
Modo	Regular
Corpo	13
Alinhamento	Justificar com a última linha à esquerda

Cor	Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)
-----	---------------------------

Tabela 24 – Titulação (editorial)

Fonte	Urban Calligraphy
Modo	Regular
Corpo	50
Alinhamento	Centralizado
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)

Tabela 25 – Texto (editorial)

Fonte	Bahnschrift
Modo	Regular
Corpo	13
Alinhamento	Justificar com a última linha à esquerda
Cor	Preto (C=0 M=0 Y=0 K=100)

Tabela 26 – Pé biográfico (editorial)

Fonte	Bistol
Modo	Regular
Corpo	24
Alinhamento	Alinhado à esquerda
Cor	Branco (C=0 M=0 Y=0 K=0)